



PRAÇA VELHA Nº 41

2021

PRAÇA VELHA Nº 41

PRAÇA VELHA

Revista Cultural da Cidade da Guarda

Nº 41 | 2021



Praça Velha – Revista Cultural da Cidade da Guarda
Ano XXI | n.º 41 | 1ª série | dezembro 2021
Publicação Anual

Edição: Câmara Municipal da Guarda

Direção: Amélia Maria da Silva Ramos Fernandes, Vice-Presidente da Câmara Municipal da Guarda

Coordenação Geral: Alexandra Isidro, Chefe da Divisão da Cultura, Turismo, Juventude e Desporto da Câmara Municipal da Guarda

Coordenação Editorial: Thierry Proença dos Santos, Vítor Pereira

Conselho Editorial: António José Dias de Almeida, Fernando António de Oliveira Carvalho Rodrigues, Hélder Sequeira, Maria Antonieta Garcia, Manuel Luís Fernandes dos Santos, Mário Cameira Serra, Vítor Pereira

Produção Executiva: Divisão da Cultura, Turismo, Juventude e Desporto | Gestão de Museus, Património Cultural e Arqueologia

Depósito Legal:

I.S.S.N.: 0873-8343

Book design, composição: Tiago Rodrigues

Tiragem: 500 exemplares

Capa: *Porta d'El Rey*, pormenor de Tela de Luís Rebello. Fotografia de Arménio Bernardo

Impressão: Marques e Pereira, Lda

Telefone: 271 220 745
e-mail: museu.guarda@mun-guarda.pt

A Câmara Municipal da Guarda respeita os originais dos textos, não se responsabilizando pelos conteúdos, forma e opiniões neles expressas. A opção ou não pelas regras do novo acordo ortográfico é da responsabilidade dos autores.

PRAÇA VELHA

Revista Cultural da Cidade da Guarda

Nº 41 | 2021

EDITORIAL

Passam agora 24 anos sobre a edição do primeiro número da *Praça Velha*, a revista cultural do Município da Guarda. Desde então muitos autores – historiadores, investigadores, poetas, ensaístas, fotógrafos e ficcionistas... – participaram com os seus trabalhos, de forma abnegada e generosa, com a direção da revista, fazendo desta o que ela é de há muito: um marco no panorama editorial da região, cuja importância advém não só da sua longevidade, mas também da divulgação de talentos literários e sobretudo da divulgação de recolhas e de estudos sobre o rico e muito variado Património Cultural da Guarda, do concelho e da região.

Ao longo destes 24 anos a revista mudou naturalmente, por diversas ocasiões, de formato, de projeto gráfico, de direção... mantendo-se, porém, fiel aos princípios editoriais que estiveram na sua origem. 2021 marca um novo rumo na história da revista. A presente direção sentiu a necessidade de desdobrar o seu conteúdo em dois volumes, a editar separadamente: o primeiro, dedicado ao Património e à História, mantendo as secções do portfólio, da Grande Entrevista e a súmula; o segundo volume é dedicado à Escrita Literária, compondo-se pelas seguintes: ensaios, textos de criação, notas e comentários, recensões. Assim, a revista voltará à sua edição semestral, com volumes diferenciados no conteúdo, mas fiéis na sua essência ao seu projeto editorial de sempre: divulgar o Património Cultural da região da Guarda.

O presente número 41 da revista *Praça Velha*, dedicado ao Património e à História, apresenta um conjunto de estudos e artigos inéditos, contemplando as mais diversas áreas científicas, desde a Geologia à Arqueologia e da História à Conservação e Restauro. Já o portfólio é inteiramente dedicado à iconografia guardense da coleção do Museu da Guarda, destacando-se na capa da revista, em preto de homenagem, um pormenor de uma pintura a óleo de Luís Rebello (1945-2020), um pintor nascido na Guarda, que ao longo dos anos retratou a Cidade e os seus monumentos, e que nos deixou no ano passado. Na Grande Entrevista deste número, Paulo Lima, Antropólogo, explica a importância da elaboração de uma Carta da Paisagem do concelho da Guarda, um projeto promovido pelo Município da Guarda, que visa constituir um inovador inventário dos bens culturais materiais e imateriais do seu território.

A Guarda, enquanto território de raízes milenares, assume-se como um território de extraordinária e singular História que atravessa várias épocas. É dever do Executivo Municipal a investigação e preservação dessa mesma História, que deve ser divulgada e transmitida não só aos Guardenses mas a todos os que de alguma forma possam contribuir para a afirmação da Guarda no contexto nacional.

Nesta estratégia que preserva e perpetua o passado e o transmite às várias gerações, a manutenção e preservação de tradições culturais e monumentos com valor histórico é fundamental. Este esforço deve envolver todos. Queremos apoiar e dar condições de excelência às instituições que há muito estão no terreno e oferecem a sua sabedoria, criando alicerces para uma verdadeira base cultural.

Somos um dos Concelhos com mais instrumentos humanos, patrimoniais e estruturais, pelo que a política autárquica tem obrigação de promover uma efetiva política cultural para o Concelho que corresponda as expectativas dos Guardenses e ao valor do nosso território.

Pelo trabalho, empenho, dedicação e generosidade em prol da revista *Praça Velha*, a todos os que participaram neste número, o meu bem hajam e os votos de que possamos poder voltar a contar com a vossa preciosa colaboração.

Sérgio Fernando da Silva Costa

(Presidente da Câmara Municipal da Guarda)

PATRIMÓNIO E HISTÓRIA

MEDIDA DE COESÃO PARA PORTUGAL: A DESERTIFICAÇÃO DO INTERIOR É O SINTOMA, TRATE-SE DA CAUSA QUE ESTÁ NOS LOCAIS DE ALTA DENSIDADE POPULACIONAL E PORTUGAL E O SEU INTERIOR RECUPERARÃO

F. CARVALHO RODRIGUES13

NOTAS SOBRE A GEOLOGIA DA GUARDA

ELSA SALZEDAS39

A CABEÇA EM PEDRA DE VALE DA RIBEIRA (CELORICO DA BEIRA)

ANTÓNIO MARQUES / JOÃO CARLOS LOBÃO51

INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA CASA DO SINEIRO (MILEU / GUARDA): NOTÍCIA PRELIMINAR

VITOR PEREIRA / ALCINA CAMEIJO / TIAGO RAMOS / ANA LEONOR PEREIRA DA SILVA71

FRANCISCO DE PINA, REVISITADO

ANTÓNIO SALVADO MORGADO85

DA TOPONÍMIA DA GUARDA SOBRE O LARGO FREI PEDRO DA GUARDA

MANUEL LUIZ FERNANDES DOS SANTOS109

LADISLAU PATRÍCIO, QUANDO OS MÉDICOS SÃO TAMBÉM ESCRITORES

ANABELA MATIAS / DULCE HELENA BORGES143

VIDEMONTE: LEI DA SEPARAÇÃO E A PROPRIEDADE DOS BENS DA IGREJA CATÓLICA NO SÉCULO XX

FRANCISCO MANSO / ANA MANSO159

ROTEIRO DE ARTE DÉCO NA GUARDA

ANTÓNIO MANUEL PRATA COELHO183

DEFICIÊNCIAS NO FORNECIMENTO DE ENERGIA ELÉTRICA À GUARDA E SEU CONCELHO

AIRES ANTUNES DINIZ193

O PATRIMÓNIO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICO

UM RECURSO ENDÓGENO COM VALOR ECONÓMICO E SOCIAL

JOSÉ ANTÓNIO QUELHAS GASPAR217

A COLEÇÃO DE ARMAS DO MUSEU DA GUARDA - CONSERVAÇÃO, RESTAURO E MUSEALIZAÇÃO

INÊS COSTA233

RETÁBULO-MOR DA SÉ DA GUARDA

INTERVENÇÃO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

OLGA SANTA BÁRBARA 247

GRANDE ENTREVISTA

**ENTREVISTA (ESCRITA) AO ANTROPÓLOGO PAULO LIMA,
RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DA “CARTA DA PAISAGEM” DO CONCELHO DA GUARDA**

THIERRY SANTOS 267

PORTFÓLIO

A GUARDA PELOS OLHOS DE PINTORES DO SÉCULO XIX AO SÉCULO XXI..... 276

SÚMULA 307

Património e História

A CABEÇA EM PEDRA DE VALE DA RIBEIRA (CELORICO DA BEIRA)

ANTÓNIO MARQUES¹

JOÃO CARLOS LOBÃO²

1. Introdução

O presente estudo foi pela primeira vez apresentado no âmbito de um trabalho académico no seminário *Espaços e Sociedades*, ministrado pela Doutora Raquel Vilaça, do Mestrado em Arqueologia e Território da FLUC (2008).

A opção pelo estudo de uma temática relacionada com a escultura em pedra resultou de ter identificado, na casa de um particular residente no concelho de Celorico da Beira³, um artefacto arqueológico deste tipo.

O estudo agora elaborado pretende abordar a problemática arqueológica da escultura em pedra durante o período da Proto – História Peninsular e inícios da romanização⁴. Trata-se de uma temática relativamente mal estudada, pelo facto de muitos dos achados conhecidos terem surgido de forma isolada e fora de qualquer contexto arqueológico, facto que contribuiu significativamente para a falta de conhecimentos sobre este tema. Contudo, e apesar de ser um assunto relativamente mal conhecido, desde meados do

1 Arqueólogo do Município de Celorico da Beira.

2 Arqueólogo do Município de Trancoso.

3 Desde já agradeço toda a disponibilidade demonstrada pelo proprietário, que nos facilitou o acesso à peça para efectuar o seu estudo.

4 Esta abordagem cronológica deve-se ao facto de considerarmos que, a peça agora identificada e que vai ser estudada, se enquadrar cronologicamente dentro deste período cronológico.

século XX que vários investigadores se têm dedicado ao estudo desta temática, sendo que as considerações feitas sobre esta realidade arqueológica divergem, nalguns casos quanto à cronologia proposta, para a execução das peças, e quanto à sua funcionalidade.

Quanto à peça identificada, no concelho de Celorico da Beira, trata-se de uma escultura feita em granito, com a representação de uma cabeça humana. É um achado que consideramos enquadrar-se na designada escultura céltica e com o seu estudo pretendemos contribuir, de algum modo, para o conhecimento desta realidade arqueológica, ainda pouco conhecida, e para o aprofundamento do seu estudo.

2. Breve Enquadramento Geográfico e Administrativo

O concelho de Celorico da Beira situa-se na região geográfica do Alto Mondego, caracterizando-se por duas áreas geomorfológicas distintas: a área de montanha (onde predominam as encostas de declive acentuado, originando um relevo bastante acidentado, com altitudes superiores aos 1000 m nalguns pontos, sendo que, o ponto mais elevado do concelho situa-se na Penha de Prados com 1.100 m de altitude), e as áreas aplanadas, que vão sendo recortadas pela existência de algumas pequenas elevações, dando origem à designada depressão ou bacia de Celorico.

Em termos geológicos, a região caracteriza-se essencialmente pela presença de rochas de granito.

A nível hidrográfico o concelho de Celorico da Beira é recortado por diversas linhas de água, algumas de caudal e percurso insignificante, outras, como é o caso do rio Mondego, apresentando-se como importantes linhas de água.

A nível administrativo o concelho de Celorico da Beira situa-se na região da Beira Alta (Beira Interior), fazendo fronteira com os concelhos de Trancoso e Pinhel a Norte, Gouveia a Sul, Fornos de Algodres a Oeste e Guarda a Este, e ocupa uma área de 250 km, sendo constituído por 16 freguesias.

3. Enquadramento Histórico – Arqueológico: da Pré-história à Romanização

Os vestígios mais antigos que documentam a ocupação humana no atual território do concelho de Celorico da Beira remontam ao período Neolítico. Deste período é de referir a existência de um monumento megalítico nas proximidades da aldeia da Carrapichana (Martins Sarmento:1883). Atualmente, este monumento já não existe, tendo a sua

destruição ocorrido em finais do século XIX ou nos inícios do século XX. Também ao Neolítico pertencerão os dois machados de pedra polida encontrados na freguesia de Cortiçô, em inícios do século XX, e doados à Sociedade Santos Rocha (Santos Rocha: 1908). Outros testemunhos de uma ocupação humana Pré-Histórica foram encontrados no sítio do Barrocal do Olival (Fornotelheiro), que apresenta testemunhos de uma ocupação Calcolítica (Lobão *et alii*, 2006).

Na freguesia da Rapa, localizado na Serra do Monte Verão, encontra-se o sítio arqueológico da Pedra Aguda, um povoado fortificado, cuja ocupação humana remontará ao Bronze Final (Pereira: 2003). Do mesmo período cronológico, foram encontradas no ano de 2006, no decorrer de trabalhos de acompanhamento arqueológico da construção do Parque Eólico da Serra do Ralo, duas estelas, uma contendo a representação de um reticulado e outra a representação de um escudo com uma lança.

Na Serra de Darouca, no sítio da Silva, foi identificado um povoado da Idade do Ferro (Almeida, 1945: 204-206; Lobão *et alii*, 2006), sendo que, devido à utilização desta área por uma pedreira, nas últimas décadas do século XX, torna de difícil resolução a obtenção de uma cronologia mais absoluta para o local.

A romanização do território de Celorico da Beira, bem como de toda esta região, iniciou-se nas últimas décadas do século I a.C. inícios do século I d.C. E no que concerne ao território de Celorico, o vestígio mais antigo ou pelo menos uns dos mais antigos da romanização desta área é constituído por uma inscrição rupestre, identificada no exterior do Castelo de Celorico da Beira. É dedicada a uma divindade indígena e apresenta a seguinte leitura (.../.../M) ALCEINI (filio, vel filia) / (SAC) RVM / (M) VNIDI e tradução «Consagrado a Munídia, por...?...(filho/filha) de Malueino»⁵. Datada cronologicamente do século I d.C, esta inscrição comprova a existência dos primeiros contactos entre a população indígena e os primeiros colonos romanos ou indígenas romanizados que se estabelecem na região.

A existência desta inscrição poderá testemunhar a presença de um santuário proto-histórico romanizado, o que por si só não implica uma ocupação permanente do espaço, pois a ausência de testemunhos materiais deste período⁶, ou anteriores deixam transparecer a ideia de uma não -ocupação deste espaço enquanto habitat permanente.

5 A este propósito consultar Curado (1985).

6 Entre o Outono de 1996 e o Inverno de 1997, no âmbito de um projecto de reabilitação para o Castelo de Celorico da Beira. A arqueóloga Isabel Ricardo realizou escavações arqueológicas no interior deste espaço, não obtendo qualquer vestígio material de uma ocupação, neste local, anterior ao final da Alta Idade Média. No ano de 2007, uma vez que o anterior projecto de reabilitação para o Castelo havia sido suspenso e iria dar-se início a um novo projecto para a recuperação deste espaço, enquanto arqueólogo municipal, procedi à realização de sondagens arqueológicas com o objectivo de prospectar áreas que ainda não tinham sido alvo de qualquer outra intervenção, com o intuito que pudessem surgir vestígios materiais anteriores à Alta Idade Média. Contudo tal não aconteceu e uma vez mais os elementos recolhidos apontam para cronologias semelhantes às da intervenção anterior, datando a ocupação da Alta Idade Media.

Outro importante testemunho do processo de romanização deste território foi identificado no interior da Capela de Nossa Senhora dos Azares, pois embutida numa das paredes da capela foi identificada uma ara com uma inscrição votiva, dedicada a uma divindade indígena que, segundo Ferreira (*et alii*, 2004, n.º347), apresenta a seguinte leitura: AMMAE · AR/ACELENI · SACRVM / CLEMENS · CELE/RIS · LICINVS · CIL(I) / D(e) · S(uo) · F(aciendum) C(urauerunt) e tradução: Consagrada a Ama Aracelene; Clemente (filho de) Celer e Licínio (filho de) Cilo mandaram fazer à sua custa. Aparentemente esta inscrição encontra-se nas proximidades da sua localização original, pois, a cerca de 100 m da Capela de Nossa Senhora de Azares, encontra-se uma habitação rural em ruínas que apresenta no seu aparelho construtivo o reaproveitamento de alguns silhares almofadados. Assim, torna-se bastante provável a existência de um pequeno templo romano nesta área, pelo que, apesar da divindade aqui adorada continuar a ser indígena, a forma de professar a religião assume contornos marcadamente latinos, ao proceder-se à construção de um templo.

A aparente exígua ocupação humana no período pré-histórico e proto-histórico do concelho de Celorico da Beira verifica-se, a nosso entender, não pelo facto de não ter existido uma forte ocupação humana deste território nesses períodos, mas por falta de uma investigação arqueológica que procure, sobretudo, incidir sobre a detecção destes locais.

4. Enquadramento Histórico da Escultura Pré-Romana de origem Celta e a sua Problemática

A escultura celta em pedra evidencia uma grande dispersão por diversas áreas da Europa, sendo o Sul da Alemanha, o Sul de França, o Norte de Espanha e de Portugal, onde a representação desta arte encontra maior expressão.

A escultura em pedra surge como uma manifestação original e esporádica entre a cultura céltica de *Hallstatt* e *La Tene* (Duceppe-Lamarre, 2002: 285).

As esculturas mais antigas, da arte celta, são provenientes da região do Sul da Alemanha, região que conheceu a formação da cultura de *Hallstatt*. Estas primeiras esculturas apresentam a representação humana em formato de estela, e a presença deste tipo de esculturas em locais com contextos arqueológicos funerários deixam-lhe antever um cariz religioso (Duceppe-Lamarre, 2002: 286). A figura humana é representada na escultura céltica, desde o século VII a.C., no seu todo ou apenas em partes.

No caso particular da Península Ibérica, a escultura em pedra desenvolveu-se, aparentemente, de forma autónoma em relação à escultura céltica produzida na Europa

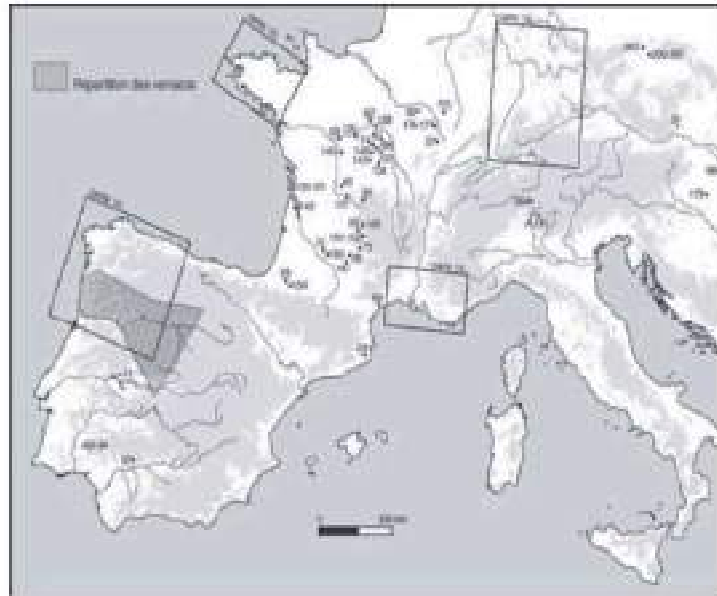


Figura 1 – Representação das principais áreas de produção da escultura céltica
Fonte: DUCEPPE-LAMARRE Armelle (2002)

Central, e caracteriza-se pela sua monumentalidade/ dimensão na representação da figura humana e de figuras de animais.

Para além destes dois grandes tipos de escultura em pedra, representação de animais (touro, porco, etc...), e da representação humana de corpo inteiro (guerreiros galaico-lusitanos), existe na escultura em pedra, uma outra corrente atribuída à arte céltica, trata-se da representação de cabeças em pedra. Embora a sua integração cultural na arte céltica não o possa ser feita categoricamente, dado que, na maioria das vezes, este tipo de escultura surge desprovido de qualquer contexto arqueológico, no entanto, a relação entre algumas destas cabeças e a representação de torques em algumas delas, aponta para a sua produção nas áreas de influência do mundo celta (Duceppe-Lamarre, 2002: 291-292).

O estudo da problemática das cabeças em pedra, desde há muito que suscita o interesse de alguns investigadores, nomeadamente, de autores espanhóis⁷, que datam as origens deste fenómeno no século IV a.C.

Quanto à representação iconográfica, das cabeças, esta pode surgir de duas formas distintas: com representação em relevo ou esteticamente muito trabalhadas sobre a pedra (López Monteagudo, 1987: 246).

7 A este propósito consultar autores como: B. Tarracena; J. M. Blásquez; L. Abad Casal.

O fenómeno da escultura em pedra, em forma de cabeça, ficou conhecido em Espanha e na França com a designação de “cabezas cortadas” e “têtes coupées” respectivamente. Segundo Guadalupe López Monteagudo, na região da Galiza e do Norte de Portugal, este fenómeno das cabeças cortadas deve encontrar-se estreitamente ligada à escultura de grande porte dos “guerreiros galaico-lusitanos”. Blanco Freijeiro considera algumas destas cabeças, como podendo ser mesmo o último vestígio de uma estátua de guerreiro⁸. Já Guadalupe López Monteagudo (1987: 247) considera que a dispersão arqueológica deste fenómeno, das cabeças cortadas na Península Ibérica, deve ser compreendida de duas formas distintas: a cabeça trabalhada e estilizada em pedra, que se restringe às áreas de influência celta, e as representações das cabeças cortadas associadas à arte móvel, em contextos funerários, que surge em regiões fora do mundo celta, cuja representação se torna, durante a II Idade do Ferro, praticamente conhecido em toda a Península.

José María Blásquez Martínez (1978: 34) confere às cabeças cortadas em pedra um carácter mágico-religioso, pois, associa estas esculturas/representações aos sacrifícios humanos que, os povos do Norte Peninsular, praticariam em oferenda aos deuses, segundo os registos das fontes clássicas⁹. Na região de Zamora a arqueologia parece ter comprovado a relação entre as cabeças cortadas e os sacrifícios humanos.

O fenómeno das cabeças cortadas em relevo ou estilizadas sobre pedra encontra-se igualmente nalgumas regiões de França, como na região de Bouches-du-Rhône, ou no santuário de Entremont, onde a interpretação dos vestígios arqueológicos ali encontrados leva os investigadores a considerarem, que se pode tratar de uma homenagem/ heroificação de alguém, detentor de um enorme prestígio social (Chefe) (López Monteagudo, 1987: 248).

Uma outra interpretação para as cabeças cortadas advém da associação realizada pelos investigadores entre a forma das esculturas e as fontes escritas, que relatam que os povos do Norte (Celtas) cortavam as cabeças aos inimigos e as preservavam como troféu (Blásquez Martínez, 1978: 33 e López Monteagudo, 1987: 248)¹⁰.

As cabeças cortadas serão pois um fenómeno mágico-religioso do mundo celta que se encontram muitas vezes em associação com outros elementos arqueológicos, como os torques e os espaços religiosos (santuários), conferindo às cabeças um carácter divino, quer como heroificação de algum chefe, quer como oferenda aos deuses (López Monteagudo, 1987: 251-252).

8 Cfr. A. Blanco (1956) - Cabeza de un castro de Narla, CEG 34.

9 A este propósito o autor cita Estrabão: “Amigos de sacrificios son los lusitanos y observan las entrañas sin arrancarlas... sacrifican en honor de Ares un macho cabrío, junto com los prisioneros y sus caballos”.

10 A este propósito José María Blásquez Martínez transcreve uma passagem de Diodoro sobre este costume Celta: “Cuando cae un enemigo le cortan la cabeza y la atan alrededor del cuello del caballo; o bien, entregando los despojos ensangrentados a sus sirvientes, se dedican a saquear entonando el peán y cantando el himno de la victoria y cuelgan en sus casas lo mejor del botín, como en algunas cacerías se hace con las fieras. Untan, por otra parte, com aceite de cedro las cabezas de los enemigos más señalados y las conservan cuidadosamente en una caja para luego mostrárselas a los huéspedes...”.

A presença de torques nalgumas das cabeças cortadas aproxima esta “corrente” da escultura céltica a uma outra que marcou fortemente uma região da Península Ibérica, o Noroeste Peninsular, correspondente a área actualmente ocupada pelo Sul da Galiza e a região Norte de Portugal (Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro), a escultura monumental dos guerreiros galaicos ou lusitanos. Trata-se de uma escultura em granito que normalmente surge representado vestido, com os trajes de guerreiro, empunhando um escudo, apetrechado com um punhal, um capacete e um torque (Ricardo Olmos e Pierre Rouillard, 2002: 278).



Apesar de os primeiros estudos sobre a problemática da escultura galaica ou lusitana datarem ainda de finais do século XIX¹¹, as hipóteses de estudo sobre este tipo de escultura tem conhecido diversos desenvolvimentos ao longo dos tempos.

11 Consultar: **SARMENTO, Francisco Martins (1896)** – “A propósito das estátuas galaicas”, Revista de Ciencias Naturaes e Sociaes, Vol. XV, Porto.

No entanto, desde os primórdios que os diversos investigadores associaram a presença desta escultura à presença da designada cultura castreja, já que, a maioria dos achados deste tipo de escultura são provenientes de áreas com grande densidade de povoados (castros) da II Idade do Ferro (Lemos, *et alii*, 2006).

Aos investigadores a temática, dos guerreiros galaico lusitanos, tem suscitado dúvidas relativamente à sua cronologia, pois, apesar de a grande maioria dos achados se concentrarem numa área relativamente restrita do Norte Peninsular, a sua contextualização cronológica revela-se ainda uma questão sujeita a debate, pois a maioria dos achados surgem desprovidos de qualquer contexto arqueológico (Duceppe-Lamarre, 2002: 291-292). Também a forma como as influências que terão inspirado este tipo de escultura não são unânimes entre os diversos investigadores, alguns admitem que este tipo de estatuária é o resultado das influências romanas (Calo Lourido). Outros, pelo contrário, admitem que este tipo de escultura monumental pode ser o resultado de influências da Europa Central, havendo no entanto investigadores, como Thomas Shatter (Lemos, *et alii*, 2006), que consideram arrojado procurar paralelos para os guerreiros galaicos na estatuária da Idade do Ferro da Europa Central.

Os investigadores que consideram tratar-se de uma estatuária de influência romana classificam cronologicamente estes monumentos no século II a.C. prolongando-se eventualmente ao século I d.C., atribuindo essa classificação através das inscrições latinas que se encontram associadas a algumas dessas estátuas (Duceppe-Lamarre, 2002:293). Os investigadores que pensam que, as estátuas dos guerreiros galaicos, são uma influência da estatuária da Europa Central, como Glauberg, Hirschlanden ou Vix, propõem cronologias anteriores ao século II e I a.C., considerando mesmo estas cronologias já muito tardias, quando comparadas com as cronologias propostas para a estatuária da Europa Central (Ricardo Olmos e Pierre Rouillard, 2002: 278).

5. A Cabeça de Vale da Ribeira

A escultura sobre a qual incide o nosso estudo foi encontrada na aldeia de Vale da Ribeira¹², em meados da década de 70, aquando da recuperação de uma habitação que se encontrava em avançado estado de degradação¹³.

12 A Aldeia de Vale da Ribeira localiza-se na área Sul do concelho de Celorico da Beira, pertence administrativamente à freguesia de Mesquitela, e topograficamente encontra-se implantada sobre as margens da Ribeira de Linhares.

13 Agradecemos ao proprietário do imóvel pela disponibilidade com que nos prestou todas as informações relativas ao contexto em que a peça foi identificada e posteriormente pela cedência da mesma que nos possibilitou efectuar o nosso estudo.

O achado arqueológico é uma cabeça humana estilisticamente trabalhada em pedra que, apesar de aparentemente ter surgido descontextualizada arqueologicamente, poderemos propor com alguma segurança a sua integração na designada escultura em pedra do mundo celta.

A cabeça de Vale da Ribeira encontra-se em razoável estado de conservação. Trata-se de uma escultura esculpida em granito porfiróide, de grão médio, possuindo uma altura de 30,5 cm, uma largura de 22,4 cm e uma espessura de 23,8 cm e totaliza um peso de 25,2 kg.

Esteticamente a cabeça é constituída pelo arranque do pescoço, com sua base que dá a ideia de um “corte limpo”, isto é, aparentemente esta escultura nunca conheceu outra forma, nem nunca terá pertencido, na sua origem, a uma estátua/escultura de maior porte. A cabeça encontra-se ligeiramente inclinada para o seu lado esquerdo; a face caracteriza-se pelo seu plano achatado, de onde sobressai ligeiramente o nariz encontrando-se relativamente mal conservado na zona das narinas. As orbitas dos olhos e a boca surgem esculpidos, a zona do queixo encontra-se igualmente mal conservada, sendo que, a área que devia ser ocupada pela zona esquerda do queixo é praticamente inexistente.

A nível do campo visual o escultor procurou dar uma ideia de frontalidade, uma espécie de olhos nos olhos para quem visualiza a escultura de frente. De referir ainda que sobre os olhos se encontram as sobrancelhas esculpidas, em forma de meia-lua.

Nas áreas laterais da cabeça encontramos as orelhas. A orelha esquerda é praticamente impercetível, ao contrário da orelha do lado direito que se encontra bem conservada e bem delineada.

No topo da cabeça encontra-se ainda um pequeno orifício de perímetro circular, localizado quase simetricamente ao centro da cabeça. A funcionalidade deste pequeno orifício no topo da cabeça é desconhecida¹⁴.

Seguidamente apresentamos um quadro síntese com as dimensões da Cabeça:

14 A propósito deste orifício apenas podemos especular quanto à sua funcionalidade, eventualmente este orifício serviu de base de encaixe para algo que desconhecemos, ou poderá ter tido uma funcionalidade semelhante aquela que era dada aos foculos das Aras Romanas.

Altura Total – 30,5 cm	Orelha direita – Largura externa 7,2 cm; Altura externa 7,9 cm; Largura interna 3,2 cm, Altura interna 4,45 cm
Altura Cabeça – 25 cm	Orelha esquerda – Largura externa 6,5 cm? Altura externa 6,3 cm? Largura interna 3,3 cm, Altura interna 3,1 cm
Altura Pescoço – 5,5 cm	Olho direito – Orbita 3,6 cm, Pupila 1,8 cm
Largura Cabeça – 22,4 cm	Olho esquerdo – Orbita 3,5 cm, Pupila 1,8 cm
Largura Pescoço – 15,1 cm	Nariz – Altura 9,2 cm, Largura narinas 4,7 cm, largura topo 2,6 cm
Espessura Pescoço – 18,5 cm	Boca – Largura 8,4 cm, Altura 1,7 cm
Espessura Cabeça – 23,8 cm	Sobrancelha Direita 4,4 cm Esquerda 4,5 cm
Diâmetro do círculo do topo da cabeça – 3,8 cm	Peso da Cabeça – 25,2 kg

Quadro 1 - Medidas da Cabeça de Vale da Ribeira

Conclusão

A identificação e estudo da cabeça em pedra encontrada na aldeia de Vale da Ribeira pretende contribuir, de algum modo, para um melhor conhecimento do que terá sido a ocupação humana no período proto-histórico do concelho de Celorico da Beira. O conhecimento sobre a Pré e Proto-história no concelho encontra-se ainda numa fase muito incipiente, a nosso entender, não pelo facto de não ter existido uma forte ocupação humana deste território nesses períodos, mas por falta de uma investigação arqueológica que procure, sobretudo, incidir sobre a detecção destes locais, pois, só assim se compreende a disparidade entre os sítios/ achados arqueológicos identificados no concelho de Celorico da Beira e os concelhos limítrofes.

No caso concreto desta escultura em pedra este estudo ganha um pouco mais de relevo por, aparentemente, se encontrar “talvez” descontextualizada culturalmente? Os achados deste tipo de vestígio arqueológico são praticamente inexistentes nesta região, salvo a excepção da cabeça em pedra encontrada na cidade da Guarda, em finais da década de 50, do século XX, o que poderá levar os investigadores a questionarem se este fenómeno

arqueológico, normalmente associado a outras regiões da Península Ibérica, talvez não se encontre tão descontextualizado como pode parecer à primeira vista. O conhecimento arqueológico sobre esta realidade se encontrar ainda por realizar na região, esperando que no futuro o surgimento de novas esculturas em pedra possam ajudar a clarificar se estes dois casos identificados na região (Guarda e Vale da Ribeira), são duas exceções/ dois casos isolados ou, pelo contrário, no passado a região foi influenciada culturalmente pela escultura do mundo céltico.



1 – Cabeça vista de frente.



2 – Cabeça vista de trás.



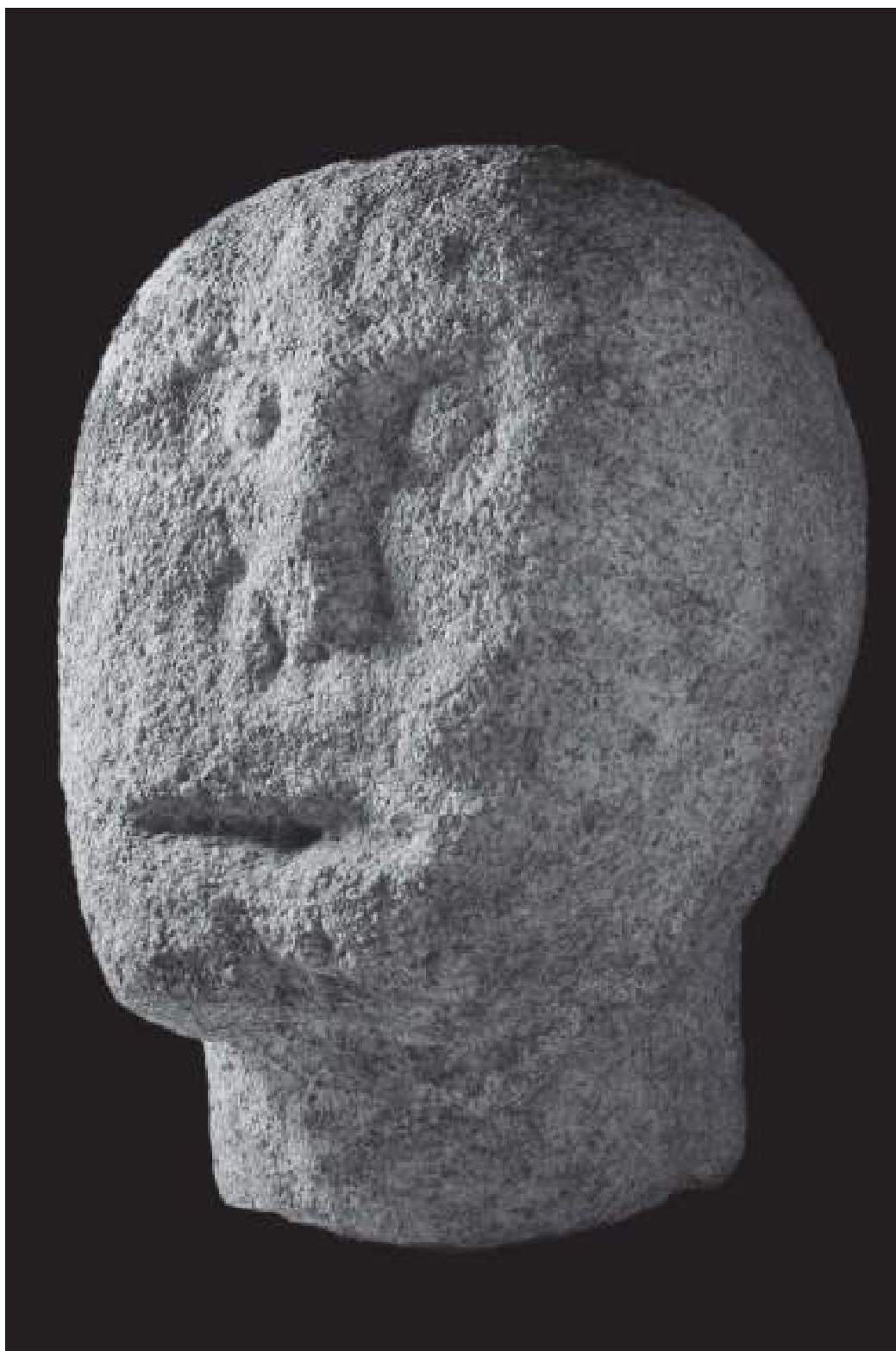
3 – Cabeça vista de perfil lado direito.



4 - Cabeça vista de perfil lado esquerdo.



5 – Cabeça perspectiva do lado direito.



6 – Cabeça perspectiva do lado esquerdo.



7 – Topo da Cabeça

BIBLIOGRAFIA

- BLÀSQUEZ MARTÍNEZ, José Maria (1978) – “Cabezas cortadas”, *História* 16 n° 26, p. 33-39.
- BLÀSQUEZ MARTÍNEZ, José Maria (1961) – “Cabezas célticas inéditas en el castro de Yecla – Salamanca”, *VII Congreso Arqueológico Nacional*, p. 217-226.
- CURADO, Francisco Patrício (1985): “*Epigrafia das Beiras*”, *Beira Alta*, vol. XLIV, fasc. 1, Viseu.
- DUCEPPE-LAMARRE, Armelle (2002) – “Unité ou pluralité de la sculpture celtique hallstattienne et laténienne en pierre en Europe continentale du VII^e au I^{er} s. av. J.- C.: Chronique de Protohistoire européenne : la sculpture préromaine “, *Revue Association pour la diffusion de l’archéologie méridionale*, vol. 25, p. 285-297.
- HOCK, Martin (1999) – “Breves reflexões sobre guerreiros lusitanos”, *Revista de Guimarães*, Volume Especial, pp. 89-92, Guimarães.
- LEMOES, Francisco S., Cruz, Gonçalo (2006) – “Muralhas e Guerreiros na Proto-História do Norte de Portugal” *Actas do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*, Parque Arqueológico do Vale do Côa, ACDR de Freixo de Numão e Câmara Municipal de Vila Nova de Foz.
- LOBÃO, João C. MARQUES, António C. e NEVES, Dário (2006): “Património arqueológico do concelho de Celorico da Beira, Subsídios para o seu inventário e estudo”; *Revista Praça Velha*, vol. XIX, Câmara Municipal da Guarda.
- LÓPEZ MONTEAGUDO, Guadalupe (1987) – “Las cabezas cortadas en la Península Ibérica”, *Revista Gerión* n°5, p. 245-252.
- OLIVEIRA, Manuel Ramos (1997): *Celorico da Beira e o seu Concelho - através da História e Tradição*, Edição Câmara Municipal de Celorico da Beira.
- RICARDO, Isabel (1997): *Relatório das Escavações Arqueológicas do Castelo de Celorico da Beira*, Câmara Municipal de Celorico da Beira (policopiado).
- RICARDO OLMOS, Pierre Rouillard (2002) – “Sculpture préromaine de la Péninsule Ibérique”, *Revue Association pour la diffusion de l’archéologie méridionale*, vol. 25, p. 269-284.
- RODRIGUES, Adriano Vasco (1992): *Celorico da Beira e Linhares – Monografia Histórica e Artística*, Câmara Municipal de Celorico da Beira.
- SARMENTO, Francisco Martins (1896) – “A propósito das estátuas galaicas”, *Revista de Ciencias Naturaes e Sociaes*, Vol. XV, Porto.
- SCHATTNER, Thomas G. (2004)) – “Novas aproximações às estátuas de guerreiros lusitano-galaicos”, Separata de *O Arqueólogo Português*, Série IV, Volume 22.

